

## “Uma revista que honra a cultura de Minas”: A política mineira através da Acaiaca (1948-1957)

Lucas Mendes Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** Publicação da Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais a “Acaiaca: Revista de Cultura” representou um importante veículo de transmissão de idéias e valores caros à elite de belo-horizontina. O presente texto busca, através de uma abordagem geral e da análise de alguns números específicos, evidenciar esse contexto, sem deixar de considerar as implicações políticas e sociais da revista. Damos também considerável destaque a influência de Juscelino Kubitscheck, enquanto governador do estado, nos rumos da revista no decorrer dos anos.

**Palavras-Chave:** Cultura; Revista ilustrada; Belo Horizonte; Juscelino Kubitscheck;

“A história das andanças do homem através de seus próprios textos está ainda em boa parte por descobrir”

Michel de Certeau

Belo Horizonte, cidade planejada, voltada para o modelo parisiense de Haussmann, com suas ruas geométricas e grandes avenidas, tem na capital francesa não só sua inspiração arquitetônica, mas também uma referência cultural. A elevação da importância da cidade para além de um centro econômico-político, tornando-se um pólo de cultura, aliada aos novos elementos trazidos pela modernidade, colocam no horizonte dos pesquisadores novas questões. Belo Horizonte era por si só um atestado da modernidade dos mineiros e ao mesmo tempo funcionou como guardião das tradições da elite.

A década de 1940, marcada pela chegada de Juscelino Kubitscheck à prefeitura da capital mineira, é caracterizada por várias reformas urbanas – entre elas a criação da Pampulha e seu conjunto arquitetônico. JK enquanto prefeito desejava colocar Belo Horizonte no eixo das metrópoles brasileiras, por isso, para além de investimentos nas áreas da indústria, energia, transporte e urbanização, empreendia iniciativas no âmbito

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela UFMG. E-mail: lucas\_his@yahoo.com.br

Acadêmico cultural na cidade. E foi tendo este contexto social, político e cultural como palco que chegamos ao nosso objeto de estudo. Este texto visa trabalhar com um tipo de fonte ainda pouco utilizada para se construir a história de Belo Horizonte: um periódico. Trata-se uma revista de cultura.

A “Acaiaca: Revista de Cultura” funcionou entre os anos de 1948 e 1957, período que coincide com a atuação política de Juscelino Kubitschek como governador de Minas Gerais (1951-1955). A publicação era submetida à Imprensa Oficial do estado e vários de seus colaboradores eram figuras atuantes no cenário político da capital. Podemos perceber também através da análise mais aprofundada dos exemplares, quais eram as temáticas privilegiadas, os homens mais importantes dentro da revista, assim como as mudanças efetuadas nesta com o passar do tempo.

### Acaiaca: Uma revista mineira de cultura

A “Acaiaca: Revista de Cultura” em seu número inaugural de novembro de 1948 apresenta-se para a sociedade mineira através de um pequeno editorial – que depois nas edições seguintes será pouco praticado – onde aparecem os objetivos da publicação. O texto é do médico-psicanalista Paulo Dias Correa, primeiro diretor da revista, e enuncia que a revista surge num momento em que Minas “volta a interessar-se profundamente pelas coisas do espírito, nada mais compreensível que a atitude de um grupo de escritores que, com o objetivo de levar o pensamento e a cultura de Minas a outros rincões do país, fundou a Revista ACAIACA”. Seus idealizadores acreditavam na literatura e na arte como meios de

aprimoramento do homem e de esclarecimento do povo e estavam dispostos a tudo fazer para recriar “em Minas o verdadeiro amor pelas coisas do espírito e pelas suas expressões duradouras”, como coloca o autor.

A revista se colocava como um veículo sem partidarismos políticos nem religiosos. No entanto, a julgar pelas ilustrações feitas por Huascar<sup>2</sup> do Governador Milton Soares Campos e do prefeito de Belo Horizonte

ilustrações em vários números.

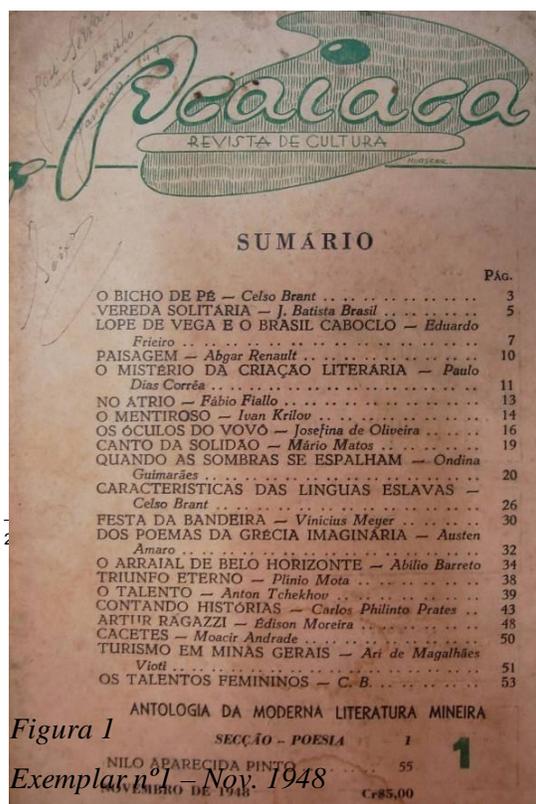


Figura 1

Exemplar nº 1 - Nov. 1948

Acadêmico

Otacílio Negrão de Lima já no primeiro número da Acaiaca, podemos problematizar um pouco essa questão. Graças ao acesso que tivemos desde a primeira edição aos nomes dos colaboradores e redatores da revista, podemos notar que entre estes se destacam figuras políticas e artísticas importantes no cenário mineiro, assim como traçar pequenas trajetórias de nomes que foram importantes dentro da revista.

Nesta primeira edição conhecemos os nomes do Secretário, do Gerente e do Diretor de Publicidade, respectivamente Celso Brant, Enius Marcos de Oliveira Santos e Jofre Alves Pereira. Ainda na primeira edição, tivemos acesso a uma lista com nomes de 32 redatores, dentre eles se destacam as figuras de Abgar Renault, Abílio Barreto, Abílio Machado Filho, Artur Versiani Veloso, Carlos Philinto Prates, Aires da Mata Machado Filho, Edgard Godoi da Mata Machado, Baeta Viana, Milton Campos, Oscar Dias Correa, Otacílio Negrão de Lima e Ramiro Lage. Este primeiro exemplar conta também com uma pequena antologia poética de Nilo Aparecida Pinto, também redator da revista, numa seção chamada de “Antologia da Moderna Literatura Mineira” que ainda contará com outros nomes importantes de nossa literatura.

As demais páginas dessa primeira edição anunciam o padrão que a revista seguirá durante as demais edições, do ponto de vista da diagramação, formato, organização e distribuição de temas. Além disso, são preenchidas por poesias e contos, e também por textos temáticos como, por exemplo, o de Celso Brant sobre a característica das línguas eslavas e um de Abílio Barreto sobre o Arraial de Belo Horizonte. Ainda com relação a essa representativa primeira edição gostaríamos de destacar a criação de uma seção da revista chamada “De tacape e Borduna”, que receberia e julgaria produções literárias enviadas a Acaiaca para publicação. Todas as produções seriam registradas e todos os candidatos obteriam respostas, positivas ou negativas, sobre suas composições. Os trabalhos que fossem dignos de publicação receberiam um prêmio de Cr\$ 50,00 por colaboração, sendo que os autores que não “merecerem aprovação” alimentariam a “Fogueira do Pagé”.

Em abril de 1949, Jofre Alves Pereira deixa o cargo de Diretor de Publicidade, que passa a ser ocupado pelo então Gerente da revista, Enius Marcos de Oliveira Santos e F. Andrade assume o posto de Gerente naquele mês. Na edição de outubro do mesmo ano Juscelino Kubitscheck aparece pela primeira vez como colaborador da revista. A Direção de Philinto durou apenas as duas edições seguintes, sendo que seu nome, a partir de então, não se faz mais presente na publicação. Em janeiro de 1950 Oscar Dias Correa assume como Diretor e Ramiro Lage como Gerente, permanecendo Celso Brant como Secretário naquele mês. No entanto, já na edição de fevereiro de 1950, Celso assume a direção da

Acadêmico

Revista, cargo que deixará de ocupar apenas em 1955, quando da entrada de seu irmão, Helio Brant<sup>3</sup>.

A revista ainda se mantinha fiel à proposta inaugural de 1948: era um lugar de discussão do campo artístico-literário mineiro, assim como um espaço para discussões gerais sobre Arte – críticas e comentários a pintores, músicos e escritores consagrados. Abundavam reproduções por toda a revista de quadros clássicos da pintura, além de algumas partituras com trechos de sinfonias de Beethoven, entre outros. Era um campo repleto de citações e referências.

O interessante na “Acaiaca: Revista de Cultura” é que seus textos na maioria das vezes não eram apenas informativos; muitos contavam com mais de vinte páginas e tratavam de temas complexos, que perpassavam pelas artes plásticas, literatura, poesia, psicanálise, filosofia, entre outros. Os textos de Celso Brant eram frequentes e, em várias oportunidades, o advogado de pretensões poéticas discute questões que envolviam as relações entre arte, cultura e sociedade. Damos destaque também aos textos analíticos empreendidos por Artur Versiani Veloso<sup>4</sup>, onde o autor chegou a discutir obras de Descartes, Goethe, filosofia grega, entre outros temas. A edição de abril de 1950 é a primeira de poucas que conta com uma referência direta ao governo: tratava-se do relatório do ex-Secretário de Finanças do estado de Minas Gerais que iria assumir a presidência do Banco do Brasil. O texto não constava no índice, foi colocado no final da revista, logo após uma poesia de Sebastião Noronha.

Após a eleição de Juscelino Kubitschek para o governo do estado de Minas Gerais, cargo que assume em 31 de janeiro de 1951, sua influência, que já se fazia presente desde sua entrada como colaborador, aumenta consideravelmente. Há pelo menos uma novidade neste ano que corrobora para nosso argumento: começam a ser feitos, a partir do exemplar 27 (junho de 1951), edições especiais cujos temas eram cidades do interior e, como veremos posteriormente, esta integração com as comunas interior é um dos pontos-chaves do governo de JK. Este primeiro exemplar da série falava de Pouso Alegre e, ao invés de

---

<sup>3</sup>Celso Brant deixa a revista em 1955 para trabalhar na Rádio Educativa (MEC) no Rio de Janeiro, mesmo ano em que Juscelino foi eleito presidente da República. Depoimentos encontrados, numa seção recentemente criada de memória do site da rádio nos indicam que Brant havia chegado efetivamente a rádio por intermédio da figura de Kubitschek. Fica mais fácil crer nessas informações quando notamos que ainda em 1956, Celso Brant tornou-se Ministro da Educação no governo de JK e permaneceu até o final do mandato do presidente. Juscelino devia reconhecer em Brant uma facilidade de lido com as questões públicas e uma preocupação com as questões de ordem intelectual, tendo em vista sua participação fundamental na formação e desenvolvimento da Revista Acaiaca.

<sup>4</sup> Catedrático de História de Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais e membro da Academia Mineira de Letras

Acadêmico

uma pintura ou gravura clássica na capa, contava com a foto da senhorita Wilma Prado Simões, jovem da sociedade pousoalegrense. Outras diferenças são sensíveis numa primeira análise: as edições anteriores da revista que contavam em média com oitenta páginas (sendo que a primeira edição contava com apenas 53) parecem minúsculas se comparadas às 160 páginas deste número. A diferença temática também é evidente; ao invés de intelectuais discutindo problemas e questões referentes à Arte ou filosofia, trazia a revista uma série de informações sobre Pouso Alegre: a história do município e de sua evolução territorial, lendas e tradições da cidade, a comemoração de seu centenário, sua imprensa, além de elencar os principais membros da sociedade e as autoridades do município. Permanece, contudo a “Antologia Poética”, nesta edição especial dedicada aos poetas de Pouso Alegre. São mais de 60 páginas, onde figuram pequenas biografias e poesias, entre eles o Diretor de Publicidade da revista na ocasião, Newton Rossi.

No editorial desta edição encontramos as razões pelas quais a Acaiaca empreende essa iniciativa: *“O município continua a ser a célula vital não apenas do nosso organismo político e econômico, mas ainda de toda a nossa atividade cultural. Apesar de viverem, em geral, confinadas em si mesmas, no tocante à sua vida intelectual, as nossas comunas dispõem de um ambiente muito propício à produção”*. Ainda segundo este, a escolha de Pouso Alegre não havia se dado aleatoriamente, já que *“esta revista [Acaiaca] é, nessa cidade sulina, de todas as publicações do país, a mais divulgada e a que conta com o maior número de assinantes. Além disso, Acaiaca tem encontrado, da parte de particulares e do poder público, em Pouso Alegre, o maior estímulo possível, o que significa um incentivo magnífico para todos os que nela trabalham, com os olhos voltados para o engrandecimento cultural da nossa terra”*. O que este editorial deixa em evidência é que, já em 1951, a “Acaiaca: Revista de Cultura” contava com um número de assinantes significativos fora da capital mineira e, que para além deste fato, eram as ligações políticas que as autoridades mantinham com o governo do estado que direcionavam quais seriam as cidades a serem homenageadas. Outras tantas efetivamente a foram, inclusive a Diamantina de Juscelino, que não contava com uma foto de uma moça da sociedade diamantinense na capa, mas sim um retrato a óleo de JK feito por Delpino Filho.

O último exemplar com que tive contato foi o de agosto de 1957, que é o último que se encontra no Arquivo da Cidade de Belo Horizonte. Acredito, portanto, a julgar pela qualidade dos outros exemplares e pela coleção completa que o arquivo possui dos anos de 1955 e 1956, que esta seja efetivamente a última edição da revista Acaiaca.

## Com os olhos voltados para a Europa

Revista de uma elite intelectual e política de Belo Horizonte que soubera, em novos tempos, empreender novas formas de dominação, a Acaiaca exerceu um grande papel no cenário político e não apenas cultural da cidade. A publicação buscava oferecer ao seu público as referências do que era ou não era de “bom gosto”, o que deveria ser admirado e ignorado, num jogo de constantes referências aos modelos europeus, elencando um panteão de pintores, escritores e poetas.

Segundo Pierre Bourdieu o “letrado tradicional vive a sua cultura como viva e se percebe como contemporâneo de seus predecessores”<sup>5</sup>. Essa cultura viva em Belo Horizonte era a cultura “Acaiaca”, fruto de uma Belo Horizonte modernizada, com os olhos voltados para a *Belle Époque*.

Contudo, o modelo cultural desta elite era o de uma aristocracia que buscava, através da Arte, a edificação da alma e do espírito. Se como coloca Habermas: “o nobre é o que ele reproduz; o burguês o que ele produz”, eis a elite da capital mineira alinhada com este ideal. As personalidades cultas de Belo Horizonte estavam reproduzindo cultura; reproduziam quadros, poesias, falas e citações, tudo tendo em vista, em primeira análise, a edificação de seu espírito intelectual. É representativo desse ideário, por exemplo, o texto de Celso Brant “Arte e Burguesia”<sup>6</sup>, em que o autor defende a aristocracia em detrimento de uma burguesia que se utiliza da arte apenas como um meio para ostentação. Segue a argumentação de Celso Brant: “Não compreendo como muitos artistas modernos fazem o jogo do espírito burguês, sem ter consciência disso e sem atentar que é a si mesmos que se sacrificam, ao procurar desmoralizar os fundamentos da cultura humana”, para Brant “como toda linguagem, a arte



Figura 2

Maio 1952. Capa: “Auto-  
Retrato” Rembrandt

<sup>5</sup>BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.144

<sup>6</sup> Acaiaca: Revista de Cultura n. 45, dezembro de 1952

Acadêmico *é um produto do espírito humano*". É também através de Habermas<sup>7</sup> que temos acesso a seguinte afirmação de Nietzsche: "O homem não se preserva no que ele pode, mas como aquele que é", afirmação muito próxima aos argumentos defendidos por Brant, que ainda neste texto coloca que: "O homem dentro da concepção burguesa, vale não pelo o que é, mas pelo que tem". Nietzsche é inclusive figura presente em vários exemplares da revista, seja por intermédios de simples citações, textos analíticos sobre o autor ou outros de sua autoria.

À Nietzsche é dedicado, inclusive, um número especial em setembro de 1951<sup>8</sup>. O destaque desta edição é um texto de mais de 50 páginas de Karl Weissman intitulado "Nietzsche contemporâneo da luta", no qual o autor coloca que os pensamentos do autor alemão, que seduzem e inquietam a mocidade, podem muito nos ajudar nos problemas de hoje, já que as questões que ele coloca são questões que sempre hão de nos preocupar e sempre nos obrigarão a nos ocuparmos delas. Outro destaque deste exemplar é uma série de quarenta citações de frases famosas de Nietzsche. Tratava-se praticamente de um manual "Saiba quando e como você deve citar Nietzsche"<sup>9</sup>; frases para enriquecer o espírito e o intelecto, mas, de fato, uma verdadeira instrução.

Aliada "ao novo aparelho de Estado surgiu uma nova camada de 'burgueses' que assume uma posição central no público"<sup>10</sup>. Representante dessa camada burguesa que se tinha por aristocrática, Celso Brant ainda iria compor outros textos com temáticas semelhantes ao "Arte e Burguesia". Brant e seus companheiros tinham o governo do estado como aliado e puderam com isso ocupar um lugar de destaque na condição de elite intelectual e política no espaço público da capital mineira. Guardadas as devidas proporções – já que Habermas está tratando do contexto europeu principalmente do século XIX – identificamos nessa elite belo-horizontina a frente da "Acaiaca: Revista de Cultura" algo de muito semelhante. Eram em sua maioria médicos, advogados, professores universitários, entre outros profissionais liberais e empresários que, mesmo pertencendo a uma classe médio-burguesa se tinham como representantes e defensores de uma arte aristocrática. Era

---

<sup>7</sup> HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública :investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.p. 27. Espaço onde autor tratava de questões relativas à representatividade pública.

<sup>8</sup> Encontrei esse exemplar número 30, especial Nietzsche sendo vendido à R\$ 30,00 em um sebo carioca.

<sup>9</sup> A seção não possui efetivamente este título, na revista apenas figura "Citações de Nietzsche"

<sup>10</sup> HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública :investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Acadêmico

uma “camada culta” que por seu contato com o “mundo elegante” se descola dos demais burgueses.

Como destaca Habermas, em seu texto já citado, essas constantes discussões sobre temas ligados à arte, sendo a maioria destes feitos por leigos ou não praticantes era, em certa medida, uma forma de apropriação. Ainda segundo o autor, esse fenômeno é sensível na medida em que se organizam instituições de crítica artística, literária e teatral de modo a se instituir um lugar onde os leigos se tornariam de fato verdadeiros árbitros da arte. O autor ainda reconhece as publicações do período como produto deste fenômeno: “As revistas, que antes eram correspondências manuscritas, logo se tornam impressos mensais ou semanais que passam a ser instrumentos publicitários dessa crítica [da arte].”

A argumentação de Thomas Loué<sup>11</sup>, centrada no tema das revistas de *culture générale* na *Belle Époque*, também nos ajuda a estabelecer uma série de relações com o referente europeu. Segundo Loué, com exceção das revistas vanguardistas caracterizadas mais por um elitismo formal e estético, as revistas de cultura geral neste período são marcadas por um forte elitismo social, o que segundo o autor, ilustraria a importância da demanda social no funcionamento deste espaço impresso<sup>12</sup>. No entanto, percebe-se a crescente importância neste contexto das figuras do publicitário e do romancista. Outra marca destas publicações era o elitismo acadêmico dos autores. Loué ainda destaca que este modelo de revista angariou grande sucesso no cenário europeu. E não são todos estes fatores destacados semelhantes a nossa revista de cultura? Desde seu primeiro número é possível perceber na “Acaiaca: Revista de Cultura” sua forte tendência elitista. São as figuras políticas e artísticas mais importantes da cidade que compõe sua redação e, seu público, mesmo quando em edições especiais voltadas para cidades no interior, foi durante toda a vida da revista a elite mineira. Essa tendência ainda é reforçada pela insistência com que alguns autores escreveram na revista reforçando os valores aristocráticos em detrimento de uma burguesia.

### **JK e a Cultura Acaiaca: Energia e Transporte**

---

<sup>11</sup> LOUÉ, Thomas. Um modèle matriciel: les revues de culture générale. IN LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves. *La Belle Époque de Revues 1880-1914*. Éditions de L'IMEC. 2002

<sup>12</sup> Thomas Loué elenca uma série de exemplos que mostravam que os públicos dessas revistas eram efetivamente elitistas: a revista “La Quinzaine” dizia que preferia se endereçar a elite do que a “foulé”; “La Revue de Paris” fazia questão de demarcar que seu público era um “public d’élite”; “La Revue Britanique” se dirigia a um público rico e esclarecido.

Acadêmico

Em número especial dedicado à sua figura e ao primeiro ano de seu governo do estado de Minas Gerais, editado em junho de 1952, Juscelino Kubitschek, através de um discurso publicado, dará aos leitores em vinte páginas os preceitos básicos que guiarão a partir de então sua administração.

Energia e transporte eram as palavras-chave do seu discurso: *“integrado na tendência contemporânea da intervenção do estado no campo de energia elétrica, a qual em Minas é uma necessidade orgânica e menos uma questão de filosofia política, dada à falta de capitais particulares vultuosos, planejei meu governo um programa vasto, cuja execução foi confiada às maiores autoridades nacionais do assunto.”* Outros temas como educação, saúde pública, agricultura e esportes ganharam uma conotação secundária, não deixando, contudo, de serem alvos da propaganda do governador.

Figura 2

*Especial JK. Junho de 1952*



É interessante também em seu discurso a inicial referência que Juscelino faz à figura do Primeiro Ministro francês Tardieu, conhecido pela execução de grandes planos de governo. JK inicia sua fala com a seguinte afirmação do político europeu: *“Dir-se-á com certeza: sonho de uma geração e não um programa de governo. Que seja – necessário se faz, porém, que alguém comece: pensando hoje se quisermos agir amanhã”*. E esta será a posição tomada por Juscelino; era necessário dar as bases para o desenvolvimento do estado. Se Minas quisesse efetivamente tornar-se uma metrópole deveria industrializar-se, e, para tanto, precisava de uma estrutura que desse conta dessas mudanças. Era preciso gerar energia e criar caminhos para o escoamento das riquezas.

No outro eixo de seu discurso, os transportes, o programa era na mesma medida audacioso: *“A abertura de 3 mil quilômetros já contratados depende, agora, exclusivamente de tempo material. Os contratos já atacaram o serviço em 23 frentes diferentes e já abriram até hoje, 482 quilômetros. Em 1952, essa quilometragem será, no mínimo, quadruplicada, além dará início, nesse ano, à pavimentação, pois o rendimento de 1951 se refere a menos de seis meses de trabalho”*. Juscelino ainda comenta com bom grado os benefícios da política rodoviária de Getúlio Vargas que dava subsídios aos estados para a construção e pavimentação de estradas. Mas deixava claro que este era apenas o

Acadêmico  
começo; sua vontade era ver os “quadros maravilhosos da terra mineira”, cortada pelas fitas

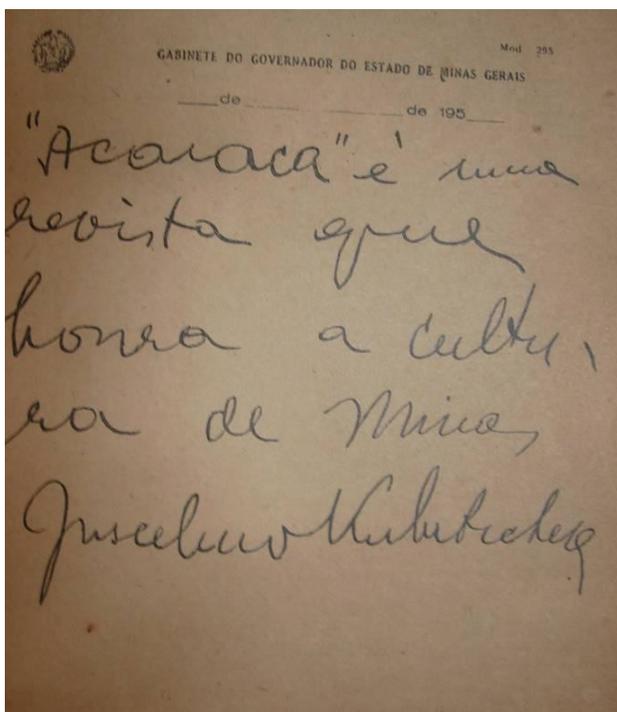


Figura 3 “‘Acaiaça’ é uma revista que honra a cultura de Minas” Juscelino Kubitschek, na contra capa da edição especial de junho de 1952

de estradas, para que os veículos circulassem e trouxessem a todas as cidades do estado mercadorias baratas.

Ainda nesta mesma edição Especial JK, encontramos um texto do então diretor da Escola Nacional de Engenharia Francisco Sá Lessa, “Um diamantinense e a Revolução Industrial Em Minas”. Ao citar binômio que orientava a política desenvolvimentista de JK, Energia e Transporte, Lessa atentou-se para os exemplos de medidas que Juscelino ousaria empreender nesses campos em seu mandato. Dizendo ainda que os projetos do governador eram “*de verdadeiro patriotismo, resoluto, sem medir canseiras e sem perder tempo em debates ou planejamentos confusos, meteu mãos a obra para a execução do*

*vasto programa, (...)*”.

Ainda fazem parte desta edição especial, um poema que foi composto por Hermes Pires Leão, na ocasião na visita do governador a cidade interiorana de Rio Preto. Outro de Eurícles Formiga em homenagem a senhora primeira dama Sara Kubitschek, um discurso de Juscelino sobre Francisco Sá, durante o batizado do avião “Francisco Sá” no Aeroclube de Diamantina, além de vinte e sete páginas que buscavam tratar de cinco municípios mineiros: Lavras, Varginha, Machado, Brazópolis e Itajubá, que em versão reduzida seguiam a mesma linha das edições temáticas sobre os municípios mineiros.

As cidades do estado sempre foram alvos da atenção de Juscelino, tanto em discurso quanto em iniciativas políticas. Já foi destacada neste trabalho a hipótese de que foi através da figura do governador e das bases de sua plataforma política que começaram a ser editados os especiais sobre os municípios. A hipótese nos parece a cada momento mais

Acadêmico verdadeira, na medida em que mesmo na revista que se editou em sua homenagem, figuram a atenção aos municípios.

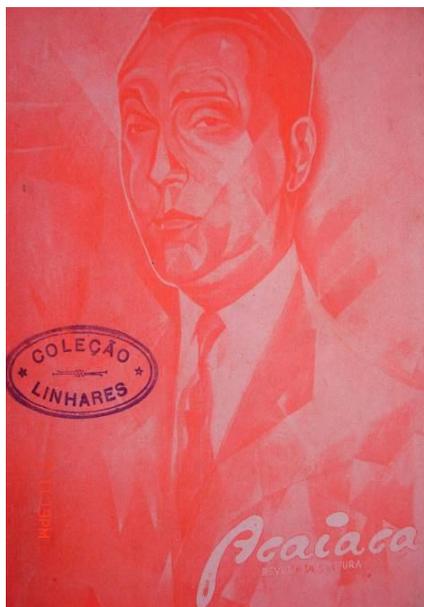


Figura 4  
*Especial Diamantina. Set. 1951*

ocupado por esta revista no seio político e cultural de Belo Horizonte. Na constante referência que fizemos, principalmente aos textos de Jurgen Habermas e Thomas Loué, pudemos notar como esta revista também, de certa maneira, teria sido influenciada por publicações européias de mesmo cunho.

Editada pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, a revista esteve efetivamente, para além do cenário cultural e artístico, presente na consolidação de uma ideologia política.

## Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.  
CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998

<sup>13</sup> LINHARES, Joaquim Nabuco. Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954. Belo Horizonte: 1995. 587p.

Após uma pesquisa que preconizou um contato individualizado com as revistas e, para além de uma perspectiva descritiva como pretendia Linhares<sup>13</sup>, buscamos fazer relações entre a edição da revista e suas imbricações com o meio político da Belo Horizonte do seu tempo.

Além das reflexões empreendidas do ponto de vista editorial, realizamos neste trabalho a busca de uma reflexão sobre o espaço

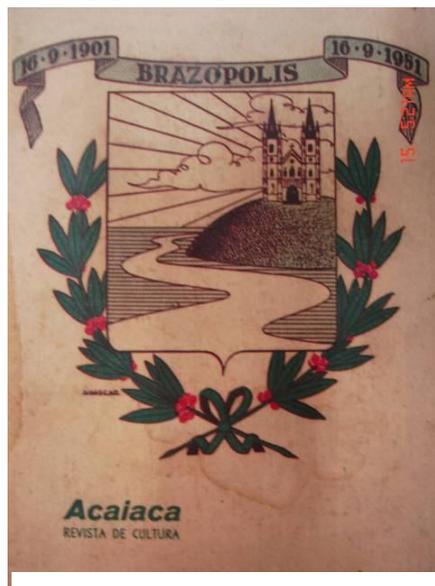


Figura 5  
*Especial Brazópolis. Julho 1952*

Acadêmico

HABERMAS, Jurgen. Mudança estrutural da esfera publica: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LINHARES, Joaquim Nabuco. Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954. Belo Horizonte: 1995.

LOUÉ, Thomas. Um modèle matriciel: les revues de culture générale. IN LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves. La Belle Époque de Revues 91880-1914). Éditions de L'IMEC. 2002

PIMENTEL, Thais Velloso Congo. A torre Kubitschek: Trajetória de um projeto em 30 anos de Brasil. Belo Horizonte: 1993.

PINSK, Carla Bassanezi(org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005

Recebido em *Maio* de 2009

Aprovado em *Janeiro* de 2010